

INSTRUÇÃO: As questões de números 01 a 03 tomam por base um trecho da obra *Noite na taverna*, do escritor romântico Álvares de Azevedo (1831-1852).

Um velho

– *Por que empalideces, Solfieri? – A vida é assim. Tu o sabes como eu o sei. O que é o homem? É a espuma que ferve hoje na torrente e amanhã desmaia, alguma coisa de louco e movediço como a vaga, de fatal como o sepulcro! O que é a existência? Na mocidade é o caleidoscópio das ilusões, vive-se então da seiva do futuro. Depois envelhecemos: quando chegamos aos trinta anos e o suor das agonias nos grisalhou os cabelos antes do tempo e murcharam, como nossas faces, as nossas esperanças, oscilamos entre o passado visionário e este amanhã do velho, gelado e ermo – despido como um cadáver que se banha antes de dar à sepultura! Miséria! Loucura!*

– *Muito bem! Miséria e loucura! – interrompeu uma voz.*

O homem que falara era um velho. A fronte se lhe descalvara, e longas e fundas rugas a sulcavam: eram as ondas que o vento da velhice lhe cavara no mar da vida... Sob espessas sobrancelhas grisalhas lampejavam-lhe olhos pardos e um espesso bigode lhe cobria parte dos lábios. Trazia um gibão negro e roto e um manto desbotado, da mesma cor, lhe caía dos ombros.

– *Quem és, velho? – perguntou o narrador.*

– *Passava lá fora, a chuva caía a cântaros, a tempestade era medonha, entrei. Boa noite, senhores! Se houver mais uma taça na vossa mesa, enchei-a até às bordas e beberei convosco.*

– *Quem és?*

– *Quem sou? Na verdade fora difícil dizê-lo: corri muito mundo, a cada instante mudando de nome e de vida. (...) – Quem eu sou? Fui um poeta aos vinte anos, um libertino aos trinta – sou um vagabundo sem pátria e sem crenças aos quarenta.*

1

No fragmento de Álvares de Azevedo, cruzam-se as imagens das fases da existência humana e da natureza do oceano. Tendo em vista essa idéia, explicita por que razão o ser humano se assemelha, do ponto de vista do enunciador, à *espuma que ferve hoje na torrente e amanhã desmaia*.

Resolução

Sob o prisma romântico da subjetividade, o enunciado retoma um tema intemporal, comum à maioria dos poetas, da Antiguidade aos contemporâneos: a fugacidade do tempo e a incerteza da vida. Cada época revestiu o tema das imagens e construções retóricas que lhes eram peculiares. Aquele que o enunciado da questão

define como o "enunciador" do texto tipifica, nas imagens que constrói, na área semântica que instaura (morte, pessimismo, desregramentos) e no tom enfático que emprega, o ultra-romantismo, entre nós também conhecido como "byronismo" ou "mal-do-século". Essa vertente romântica radicaliza o gosto pelas imagens "góticas", pelos cenários noturnos e mórbidos e por uma concepção desesperadamente pessimista da vida e do mundo. A identificação da natureza com os estados emocionais do enunciador, a natureza expressiva, que significa e revela, é evidente na aproximação entre a fugacidade da espuma do mar que se esvai na praia e o destino humano, que, inexorável, remete à velhice e à morte. São variações da expressão selecionada pelo examinador: "...louco e movediço como a vaga...", "...eram ondas que o vento da velhice lhe cavara no mar da vida..."

2

A descrição do velho, no texto, evoca a figura do poeta, que ele foi *aos vinte anos* e que se confunde às vezes com a própria identidade de Álvares de Azevedo, coincidentemente morto aos vinte anos. Sabendo que muitos escritores românticos viveram pouco e tiveram vida boêmia, associe a situação do velho à idéia de morte, nos poetas românticos, apontando três palavras do texto cujo sentido comprove tal relação.

Resolução

A concepção semântica de morte revela, na atração pela natureza noturna e pelos aspectos mórbidos e despressivos, a atitude escapista daquele que busca na morte a evasão, idealizando-a como refúgio para as dores sentimentais e para a degradação física e moral. Assim, já na caracterização do velho insinua-se essa predileção pelo mórbido e pelo horrendo. Expressões como "a fronte se lhe descalvara e longas e fundas rugas a sulcavam: eram ondas que o vento da velhice cavara no mar da vida...", o "gibão negro e roto...", evocam imagens espectrais, cadavéricas, fatasmáticas, tão ao gosto dos ultra-românticos, e que o velho personifica pelo que é e pelo que diz de si mesmo: "fui um poeta aos vinte anos, um libertino aos trinta – sou vagabundo sem pátria e sem crenças aos quarenta."

A construção da personagem do velho é coerente com as idéias que o "enunciador" postula, em resposta à indagação "O que é o homem?". A ela associam-se sempre imagens de negatividade e morte: "faltal como sepulcro", "suor das agonias", "despida como um cadáver que se banha antes de dar à sepultura", e outras que instauram o cenário insólito da taverna, construindo um universo de fantasmagorias mórbidas e depressivas.

A linguagem do fragmento, a qual reflete o estilo romântico, caracteriza-se por um léxico típico, às vezes por um tratamento em segunda pessoa e por uma sintaxe peculiar. Com base nessa reflexão, aponte um segmento de *Um velho* em que há inversão na ordem sujeito-verbo. Reescreva o seguinte trecho, passando o verbo que está no imperativo para a terceira pessoa do plural e fazendo as adequações de concordância necessárias: *Se houver mais uma taça na vossa mesa, enchei-a até às bordas e beberei convosco.*

Resolução

Várias orações no texto apresentam inversão na ordem sujeito-verbo: "O que é o homem?", "O que é a existência?", "...murcharam, como nossas faces, as nossas esperanças...", "...lampejavam-lhe olhos pardos...".

Na oração dada, passando-se o verbo no imperativo para a terceira pessoa do plural, tem-se: *Se houver mais uma taça na sua mesa, encham-na até às bordas e beberei com vocês (ou com os senhores).*

INSTRUÇÃO: As questões de números 04 a 07 tomam por base o texto *A velha contrabandista*, de Stanislaw Ponte Preta, pseudônimo do escritor brasileiro Sérgio Porto (1923-1968).

A velha contrabandista

Diz que era uma velhinha que sabia andar de lambreta. Todo dia ela passava pela fronteira montada na lambreta, com um bruto saco atrás da lambreta. O pessoal da Alfândega – tudo malandro velho – começou a desconfiar da velhinha.

Um dia, quando ela vinha na lambreta com o saco atrás, o fiscal da Alfândega mandou ela parar. A velhinha parou e então o fiscal perguntou assim pra ela:

– Escuta aqui, vovozinha, a senhora passa por aqui todo dia, com esse saco aí atrás. Que diabo a senhora leva nesse saco?

A velhinha sorriu com os poucos dentes que lhe restavam e mais os outros, que ela adquirira no odontólogo, e respondeu:

– É areia!

Aí quem riu foi o fiscal. Achou que não era areia nenhuma e mandou a velhinha saltar da lambreta para examinar o saco. A velhinha saltou, o fiscal esvaziou o saco e lá só tinha areia. Muito encabulado, ordenou à velhinha que fosse em frente. Ela montou na lambreta e foi embora, com o saco de areia atrás.

Mas o fiscal ficou desconfiado ainda. Talvez a velhinha passasse um dia com areia e no outro com muamba, dentro daquele maldito saco. No dia seguinte, quando ela passou na lambreta com o saco atrás, o fiscal mandou parar outra vez. Perguntou o que é que ela levava no saco e ela respondeu que era areia, uai! O fiscal examinou e era mesmo. Durante um mês seguido o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.

Diz que foi aí que o fiscal se chateou:

– Olha, vovozinha, eu sou fiscal de alfândega com 40 anos de serviço. Manjo essa coisa de contrabando pra burro. Ninguém me tira da cabeça que a senhora é contrabandista.

– Mas no saco só tem areia! – insistiu a velhinha. E já ia tocar a lambreta, quando o fiscal propôs:

– Eu prometo à senhora que deixo a senhora passar. Não dou parte, não apreendo, não conto nada a ninguém, mas a senhora vai me dizer: qual é o contrabando que a senhora está passando por aqui todos os dias?

– O senhor promete que não “espáia”? – quis saber a velhinha.

– Juro – respondeu o fiscal.

– É lambreta.

(Primo Altamirando e Elas.)

Muito próxima do texto oral, a crônica é um gênero que aproveita alguns recursos típicos da fala, como a repetição, para estabelecer a coesão textual. No primeiro parágrafo, por exemplo, a palavra "velhinha" repete-se duas vezes; "lambreta", três vezes. Pensando ainda nos modos de relacionar as palavras, na frase, especifique outra forma de manter a coesão, empregada também no primeiro parágrafo do texto. Em seguida, explique a diferença de função entre o termo "aí", ocorrente no terceiro parágrafo, e o mesmo vocábulo, no sexto parágrafo.

Resolução

No primeiro parágrafo, o emprego de pronomes é outra forma de estabelecer a coesão textual. Ao contrário do recurso apontado na questão, os pronomes evitam repetições: que, pronome relativo, substitui: "velhinha"; ela, pronome pessoal, também; tudo, pronome indefinido, substitui "o pessoal da Alfândega".

No terceiro parágrafo, o advérbio aí está empregado em sentido próprio, indicando lugar (próximo à segunda pessoa); no sexto parágrafo, o mesmo advérbio indica tempo ("neste momento").

O texto explora bastante um estilo coloquial, informal, marcado por um uso deliberado de gíria e expressões distensas (*tudo malandro velho, muamba, manjo, pra burro, diz que era, pra ela, chateou*). Entretanto, em certas passagens, o enunciador emprega um vocabulário mais formal, imprevisível e em contraste com as características gerais do texto. Admitindo essas premissas, identifique um substantivo, usado no texto, que representa essa quebra de expectativa, em virtude de seu caráter mais formal e tenso. Além disso, comente por que o tempo pretérito mais-que-perfeito do verbo "adquirir" também reflete um emprego inusitado, quando considerado o todo textual.

Resolução

O substantivo de caráter formal é "odontólogo", usado no lugar de "dentista", mais corrente e informal.

O emprego do pretérito-mais-que-perfeito justifica-se por indicar ação anterior aos outros dois tempos passados utilizados no mesmo período: "sorriu", pretérito perfeito e "restavam", pretérito imperfeito. A forma corrente e informal desse tempo, porém, não é a sintética, que o autor empregou, mas a composta com o auxiliar ter: "tinha adquirido".

6

Entre outras características, a assimilação da “contribuição milionária de todos os erros” aplica-se já ao ideário renovador do Modernismo, no início do século passado. Tendo em vista que o texto de Stanislaw Ponte Preta se constrói com apoio em variedades lingüísticas populares, aponte uma palavra, usada no texto, que pode significar o aproveitamento dos “erros” percebidos na fala popular. Na seqüência, comente o caráter inesperado do uso desse “erro”, examinando o contexto em que ele está inserido.

Resolução

A palavra em questão é “espaia”, que o autor teve o cuidado de colocar entre aspas, por se tratar de forma própria de um dialeto estranho ao empregado no texto. A linguagem do texto é coloquial urbana; “espaia” (assim como o “uai!” anteriormente atribuído à velhinha) é forma do dialeto caipira, corrente no interior de São Paulo e de Minas Gerais.

7

Ainda que o discurso direto ocupe boa parte de *A velha contrabandista*, o discurso indireto também pode ser encontrado, algumas vezes. Examinando com cuidado o texto, transcreva um segmento em que se utiliza, na mesma oração, o discurso indireto mesclado com o direto – o chamado discurso indireto livre. Explícite, ainda, o efeito de sentido que essa mistura provoca, nessa passagem.

Resolução

O trecho que apresenta discurso indireto misturado com direto é “ela respondeu que era areia, uai!” A interjeição “uai” rompe a fronteira do discurso indireto, introduzindo uma citação do discurso original que só caberia na forma do discurso direto ou do indireto livre. Além disso, ela quebra a expectativa formal do leitor, produzindo também um efeito de humor, pela mudança de dialeto comentada na resposta anterior.

INSTRUÇÃO: As questões de números **08** a **10** tomam por base o texto *Os velhos*, do poeta Carlos Drummond de Andrade (1902-1987).

Os velhos

*Todos nasceram velhos – desconfoio.
Em casas mais velhas que a velhice,
em ruas que existiram sempre – sempre!
assim como estão hoje
soturnas e paradas e indelêveis
mesmo no desmoronar do Juízo Final.
Os mais velhos têm 100, 200 anos
e lá se perde a conta.
Os mais novos dos novos,
não menos de 50 – enorm'idade.
Nenhum olha para mim.
A velhice o proíbe. Quem autorizou
existirem meninos neste largo municipal?
Quem infringiu a lei da eternidade
que não permite recomeçar a vida?
Ignoram-me. Não sou. Tenho vontade
de ser também um velho desde sempre.
Assim conversarão
comigo sobre coisas
seladas em cofre de subentendidos
a conversa infindável
de monossílabos, resmungos,
tosse conclusiva.
Nem me vêem passar. Não me dão confiança.
Confiança! Confiança!
Dádiva impensável
nos semblantes fechados,
nas felpudas redingotes,
nos chapéus autoritários,
nas barbas de milênios.
Sigo, seco e só, atravessando
a floresta de velhos.*

(Boitempo.)

8

Usando as rimas com parcimônia, rompendo com os padrões acadêmicos e ignorando os compêndios de metrificacão, Carlos Drummond de Andrade consegue produzir uma poesia vigorosa, reconhecida na literatura brasileira. Refletindo sobre tais observacões, identifique as características do poema *Os velhos*, quanto ao emprego de rimas e ao esquema métrico dos versos. A seguir, nomeie a figura de harmonia, ocorrente nos dois últimos versos do poema, explicando em que ela consiste.

Resoluçãoo

A rima é recurso que Drummond emprega com frequência e sempre com muita originalidade, como

demonstra o estudo de Hércio Martins. No poema "Os velhos", há uma constelação de três rimas em torno de uma palavra semanticamente central no contexto — idade. Trata-se, porém, de palavra que apenas aparece no texto em composição ou sugerida por outras que rimam com ela: "enorm'idade", "eternidade" e "vontade". Quanto à métrica, os versos deste poema podem classificar-se, não propriamente como versos livres, mas polimétricos, pois há diversos decassílabos, ladeados por hexassílabos (decassílabos "quebrados") e versos de outras medidas.

Nos dois últimos versos, a figura de harmonia é a sibilacão ou aliteração do s: "Sigo, seco e só".

9

No poema, o isolamento dos velhos leva o eu-poemático a pintar um quadro invertido, se considerada a habitual situação dos idosos, na realidade: não são eles os desprezados, os ignorados, os esquecidos, os abandonados — mas o menino, o não-velho. Com base nessa idéia, comente a solução cogitada pelo eu-poemático para entrar no mundo dos velhos.

Resolução

Aspirando à introdução no que lhe parece o universo exclusivo dos velhos, o eu lírico exprimiu a vontade paradoxal de ser um velho atemporal, porque "velho desde sempre".

10

Atendo-se à linguagem do poema, compare-o com o texto de Stanislaw Ponte Preta, que foi a base para as questões de números 04 a 07, e explicito que valor pode ser atribuído ao termo *lá*, presente no oitavo verso de *Os velhos*. Comente, também, qual é a diferença entre esse termo e o advérbio *lá*, do sexto parágrafo de *A velha contrabandista*.

Resolução

O texto de Carlos Drummond de Andrade atém-se ao padrão culto da língua, apesar de não ser empostado em tom "elevado". Ao contrário, o tom do texto é coloquial, despido, porém, dos coloquialismos que caracterizam o registro decididamente oral da crônica de Stanislaw Ponte Preta. No texto deste último, o advérbio "lá" apresenta sentido espacial (*lá* = no saco); no texto de Drummond, o sentido desse advérbio é temporal (*lá* = quando se tem 100, 200 anos).

INSTRUÇÃO: Leia atentamente os seguintes textos.

Velho é a vovozinha

Ciça Vallerio

Apenas os cabelos brancos anunciam a idade do corredor de seguros Ivan Schwarz. No meio da turma de corrida, que se encontra às 6h30 toda semana no Ibirapuera, ele é o mais velho, o que mais corre e está sempre bem-humorado. Aos 68 anos, são poucos aqueles que conseguem acompanhar seu ritmo no treino. Ele participa de provas e, ainda, anda de bicicleta no fim de semana.

Ivan exemplifica muito bem a geração dos sessentões que, mesmo com as rugas e cabelos brancos, entram nessa fase com um pique admirável e não lembram em nada os idosos de décadas atrás. O endocrinologista Wilmar Jorge Accursio, presidente da Sociedade Brasileira de Antienvhecimento, lembra que, no passado (não muito distante), envelhecer com dignidade era " não fazer cocô nas calças", ou seja, manter sob controle atos fisiológicos, preservando a autonomia.

"Hoje, a preocupação é muito mais ampla", avalia Accursio. "Muitos se preocupam em manter boa aparência física, e buscam levar uma vida saudável." É uma mudança de comportamento mundial, embalada pela tecnologia e informação. Dá para entender o porquê. O mundo está envelhecendo. O Brasil, por exemplo, vem mudando a imagem de país jovem. Entre 1980 e 2005, o número de habitantes com mais de 60 anos cresceu 126%!

Aumentou também a expectativa de vida entre homens e mulheres. Hoje, a média para ambos os sexos é de 70,3 anos, segundo dados do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). Em duas décadas, houve ganho de 7 anos e meio. (...)

Segundo a psicanalista Dorli Kamkhagi, que também é gerontóloga e, portanto, estuda os fenômenos psicológicos e sociais relacionados ao envelhecimento, houve um ganho de pelo menos 10 anos na idade real. Uma mulher de 60, por exemplo, parece ter 50 hoje. Até a mídia está atenta a essas transformações, seja por meio de propagandas ou programas de TV.

"Quando algumas portas pareciam se fechar, outras foram abertas. Hoje, homens e mulheres (principalmente) maduros são retratados na televisão como objeto de desejo. E uma boa parcela está resgatando a dignidade dessa fase da vida." Dorli observa, porém, que é importante estar atento a todo o "eldorado" da indústria do antienvhecimento, que oferece um arsenal de tratamentos. Lembra o quanto é importante não sucumbir aos modelos ditatoriais de beleza – neste caso, na busca da juventude. Para ela, quando se constrói uma vida saudável, aceitam-se melhor algumas perdas inerentes à idade. Afinal, existe beleza em cada fase, e não é neces-

sário esconder as rugas para ser feliz.

(O Estado de S.Paulo, 06.05.2006.)

Melhor ou pior idade

Maria Inês Dolci

Você se olha no espelho, e percebe que o tempo passou muito mais rapidamente do que esperava aos 13, 14 anos, com pressa de completar 18 anos, para ganhar a chave de casa, a habilitação de motorista e o direito de ir ao cinema em "filmes para adultos". É claro que essa realidade mudou para os nascidos a partir dos anos 1970, mas todos nós temos a impressão de que nunca envelheceremos, tão longe estamos, na infância e adolescência, dos 70, 80, 90 anos. Com a redução combinada da natalidade e o aumento da longevidade, até países como o Brasil, em que predominavam os jovens, têm mais idosos. A diferença é que, ao contrário dos europeus, dos japoneses, envelhecemos sem ter garantido os direitos básicos, fundamentais, dos recém-nascidos, das crianças, dos adolescentes, dos jovens e dos maduros. Muito menos dos idosos!

O Estatuto do Idoso é um "PAC [Programa de Aceleração do Crescimento, proposto pelo governo federal] da Terceira Idade". Define muito bem o que os outros vão fazer pelos idosos, sem a contrapartida de ações governamentais que viabilizem as propostas de benefícios para os mais velhos. É perfeitamente viável melhorar as condições de vida daqueles que mereceriam mais conforto, mais segurança, mais tranquilidade e, acima de tudo, mais respeito e dignidade, na velhice. (...)

Todos nós devemos modificar a forma de avaliar as pessoas, como elementos de produção e de consumo, somente. Governo algum ensinará filhos a respeitarem pais idosos, em lugar de considerá-los um estorvo, pela doença ou pela carência financeira. Essa lição de casa é de cada um de nós, brasileiros, pois todos que conseguirem se livrar de serem vítimas da violência viverão e chegarão lá.

(Folha de S.Paulo, 27.02.2007.)

Proposta de Redação

Desde os primeiros textos da Prova de Língua Portuguesa, está em jogo o tema do idoso, sob diferentes abordagens: da pauta negativa e fatalista do "mal do século", retratada em Álvares de Azevedo, à pitoresca representação da velhinha contrabandista de Stanislaw Ponte Preta, passando pela incompreensão do menino com relação ao mundo isolado dos velhos, em Drummond.

Seja qual for a ótica, o problema dos idosos exige uma tomada de posição, quer no sentido de fazer garantir seus direitos de dignidade, quer de lutar para a instalação de uma cultura de respeito aos velhos.

Baseando-se em sua experiência, nos textos literários mencionados e nos dois textos jornalísticos, transcritos nesta parte, escreva uma redação, no gênero dissertativo, sobre o seguinte tema:

Comentário à proposta de redação

Solicitou-se que o candidato redigisse uma dissertação sobre o tema A questão do idoso no Brasil. Como em provas anteriores, a Banca Examinadora ofereceu diversos subsídios ao vestibulando, que neles deveria basear-se para adotar um posicionamento em relação ao "problema dos idosos".

Qualquer que fosse a "tomada de posição" do candidato, caberia reconhecer um surpreendente aumento da expectativa de vida no Brasil, país que, de acordo com especialistas, não estaria preparado para lidar com o envelhecimento de sua população por ser considerado tradicionalmente um "país jovem". Assim, seria apropriado registrar o descaso – tanto das autoridades quanto da sociedade em geral – com o idoso, considerado ainda como um "estorvo" – seja pelas inevitáveis limitações da velhice, seja pela falta de recursos financeiros, quando não por ambas as razões.

Além de levar em conta o tratamento geralmente indigno dispensado a essa faixa etária, o candidato poderia mencionar algumas tentativas de mudança, refletidas em programas voltados para a "melhor idade" – um eufemismo simpático entusiástico para classificar a "terceira idade". Caberia, contudo, questionar a eficácia de ações governamentais que não se fizessem acompanhar de uma mudança na maneira como cada um de nós, crianças, jovens e adultos, enxergamos os mais velhos. Isso talvez contribuísse para diminuir, ao menos em parte, o medo e a vergonha que quase todos temos de exibir marcas de velhice, vistas ainda como defeitos a serem escondidos a qualquer custo.

Comentário

Trata-se de uma prova com um nível adequado de dificuldade, de concepção elogiável pela amplitude e pela superação da "gramatiquice", do historicismo e de irrelevantâncias que ainda deslustram alguns exames. Não é o caso da Vunesp: a seleção de textos é criteriosa e as questões pertinentes. A lamentar apenas que uma prova tão bem concebida tenha, por vezes, incorrido em falhas na proposição de alguns enunciados, sanáveis por uma leitura crítica mas atenta e especializada no universo educacional ao qual a prova se destina.

Assim, nas questões 1 e 2, crescem-se dificuldades desnecessárias à compreensão do que efetivamente o examinador quer saber. A alusão a "enunciador" na questão 1 e a redação da questão 2 criam situações problemáticas, mesmo para um leitor qualificado. Também há questões que contêm duas perguntas diferentes, não discriminadas em quesitos separados (caso das questões 4, 5, 8 e 10).